

OCcidente

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 245	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO Lisboa. L. do Poço Novo, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4
Portugal (franco de porte, moeda forte)	\$3800	\$1900	\$950	\$120	11 DE OUTUBRO 1885	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		



HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS (Photographies de Fillon, composição e desenho de Christino)

CHRONICA OCCIDENTAL

Organisar uma festa qualquer em qualquer tempo é sempre uma das coisas mais difficeis que se podem tentar em Lisboa; organizar uma festa especialemente em pleno verão é a coisa mais difficeil que eu conheço na nossa terra.

Foi com essa diffiduldade enorme que se viu a braços a commissão da imprensa para organizar o festival no theatro de D. Maria em honra de Castello e Ivens.

A pessoa que escreve estas linhas teve tambem o seu pequenino quinhão n'essas diffiduldades, e por isso esta chronica de hoje podia muito mais propriamente chamar-se — memorias de um festivo.

E antes de tudo, uma rapida declaração por amor das duvidas. Estas linhas não tem por forma alguma a significação de um encarecimento de serviços: são apenas uma palestra de *chroniqueur*, e nada mais.

Eu não venho apressar serviços; venho simplesmente contar as torturas, as tribulações por que passa um pobre diabo que tem por dever gratissimo cooperar na realisação de uma festa em honra de dois heros gloriosos e excepcionaes, mas que tem por condão ingrattissimo achar-se em Lisboa, esbarrando em villegiaturas e bronchites para toda a parte que se volta á procura de elementos para uma festa.

N'uma d'essas bronchites que encontramos quando procuravamos cantoras, a elegante senhora que tinha a desgraça — para ella e para nós, principalmente, porque nós padecemos muito mais com a ausencia d'ella do que ella com a presença da bronchite —, a elegante senhora, em quem ninguém adivinhava a primorosa cantora atraz de uma voz rouquenha e cheia de notas de barytono desafinadas, disse-nos que não tinha medo nenhum de cantar em publico.

— E não tenho medo, explicava, porque quando entro n'um palco e olho para os camaratos, digo commigo: «Deixal-o! aquellas que me censuram que venham para cá, e veremos.»

Nós diremos o mesmo aos que nos lançarem a primeira pedra — que viessem para cá e veriam. Festa com dia marcado, dia individual, a Lisboa quasi deserta, e o campo e as praias cheias de catarrhos feis pelos primeiros sopros do outono! Imaginem!

Tudo preparado para uma festa. A casa vendida, o praso a chegar, a chegar o dia, a chegar quasi a hora, e de repente... zis! Um poeta em Cintra metido na cama com uma bronchite furiosa, um tenor em Cascaes com um caustico aberto, outro poeta na Junqueira a arder em febre, uma soprano em Lisboa com um abaxamento de voz, aqui outro poeta com a cascata trocada, acolá um baixo rouco como uma canna rachada!

Palavra de honra que é de uma pessoa se sentir campanone até á raiz dos cabellos... tendo-os. Finalmente, a amabilidade graciosa de amadores illustres e de illustres artistas remediou todos estes contratempos de á ultima hora, e o sarau fez-se, o melhor que se podia fazer com os poucos elementos — embora valiosissimos — de que se dispunha.

Uma pianista distinctissima, a ex.^{ma} sr.^a D. Camilla de Paiva Raposo, prestou a essa festa a coadjuvação de um bello talento, executando primorosamente a grande *polonaise* de Chopin, que lhe valeu um triumpho justissimo; um rabquista dos mais notaveis que Lisboa possui entre os seus mais queridos artistas, o sr. Philippe Duarte, uma organização artistica de *elite*, acompanhada por dois illustres amadores de musica, o sr. Cunha e Silva e Carlos Ferreira, deram á festa o cunho de uma verdadeira festa musical. Timotheu da Silveira, um pianista amador que é um artista completissimo, veio expressamente de Estremoz pôr ao serviço da festa da imprensa o seu talento de *virtuose* e a sua primorosa arte; um violinista amador que pode occupar logar eminente entre os artistas gloriosos, o sr. Costa Pereira, teve um bello successo n'um solo de Berlioz; a empreza do theatro de D. Maria, que bizarramente cedeu o seu theatro para essa festa, tomou n'ella parte importante, recitando poesias, as festejadas actrices Rosa Damasceno, Virginia, os distinctos actores João, Augusto Rosa e Brazão, que fechou o festival com uma esplendida poesia escripta expressamente pelo nosso grande poeta Thomaz Ribeiro; a orchestra do theatro prestou amavelmente o seu concurso a essa festa, em que o Mello do Gymnasio recitou excellentemente um trecho do *Crime*, de Guerra Junqueiro, e a que Silva Pereira e Valle deram a nota alegre da sua exuberante veia comica.

E guardamos muito de proposito para o fim Paulina Stegner, a formosa cantora que toda a Lisboa

musical applaudiu phreneticamente na epoca passada no theatro de S. Carlos, e que levou a sua amabilidade pela commissão organisadora do sarau até abrir um parenthesis n'um luto de familia para vir dar ao festival da imprensa o brilho do seu poderoso talento de artista eximia.

Paulina Stegner é uma graciosa e encantadora *virtuose*, que reúne a todas as fascinações de mulher as scintillações de um espirito privilegiado, de um talento artistico *hors ligne*.

A sua voz é magnifica, o seu methodo de canto correctissimo, e as suas notas graves de uma belleza completa, marcaram-lhe logar proeminente em um futuro proximo no mundo lyrico.

É uma *coiffe* de ámanhã essa joven e formosa artista amadora, que *prend son essor* para ser uma artista gloriosa.

Na festa de D. Maria Paulina Stegner cantou deliciosamente uma romanza de Deuza, a grande aria da *Giocanda*, e uma romanza, *Perche*, composição do illustre maestro Bonafous, o mestre dos coros do theatro de S. Carlos, e que a acompanhava ao piano.

Perche é um bello trecho musical, que Bonafous compoz para offerecer á sua discipula a ex.^{ma} sr.^a D. Catharina de Sousa Coutinho, e que terá sempre successo todas as vezes que for cantado, e esplendidamente cantado, como o foi pela sr.^a D. Paulina Stegner.

El-rei assistiu á festa feita em honra dos illustres exploradores, e no fim fez-lhe entrega, na tribuna real, e no meio d'applausos entusiasticos de todo o publico, dos dois albums d'assignaturas organizados pela commissão da imprensa.

A poesia de Thomaz Ribeiro que o actor Brazão recitou com o talento superior que o distingue, e que foi applaudidissima, é a seguinte:

EM CONTINENCIA

E julgar-sei qual é mais excellente
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.
Cantos — Lusitania.

Com profundo respeito e reverencia!
venho tambem á lustrar festa;
veterano que passa em continencia
ante uma gloria mais que ao mundo attesta,
que, se pôde enlutar-se uma emminencia,
e ficar algum tempo muda e mesta,
a nuvem passa e do Sinai no cume
se reacendem faneas de vivo lume.

Se apoz muito lidar, muita batalha,
muito instruir, muito guiar o mundo,
se encosta a descansar o que trabalha,
nem é lethargo o somno seu profundo,
nem os laureis que o cobrem são mortalia!
Se dos fructos do labor fecundo
o quem despojar, ignaros povos,
ergue-se e vinga-se, em prodigios novos.

Que quer dizer o excepcional carinho
com que a nação acclama e condecora
estes dois, ao volver ao patrio ninho,
honra não feita aos seus irmãos d'out'ora?
Ella, alheia a expansões e ao borborinho
facil de outras nações, febril agora!
— é que são, na tormenta com que arrosta,
— uma gloria, — um protexto, uma resposta

Resposta a quem? a uma invejosa imprensa,
— estrangeira, por Deus! muito estrangeira! —
que attenua o labêu de cada offensa,
(de que a mais torpe é sempre a derradeira),
no patear, uma ignorancia immensa!
resposta a alguma voz ingrata e arteira
que insinua, que mata, inunda e assola,
mas acaba por fim pedindo esmola.

As insidias d'algum omnipotente;
ás ingrattidões vis do mundo inteiro
que, forte pode ser, rico e potente,
mas não poderá nunca ser primeiro,
emquanto houver nas ribas do occidente
este pequeno povo aventureiro,
que inda longinquos povos senhora
e escreveu, por historia, uma epopeia.

Honra ao passado, ó crentes do futuro!
gloria ao futuro! esteio do presente!
ergueu-se a nuvem, dissipou-se o escuro;
eis reditivo o lume refulgente.
Ante este preto caloroso e puro,
eu passo em commencia, reverente.
Pois que protesto sois, lição e gloria,
que a epopeia registre — é siga a historia.

THOMAZ RIBEIRO.

Jayme Victor, o meu presado collega, na commissão e na redacção do *Correio da Manhã*, recitou um discurso excellentemente pensado e cuidadosamente trabalhado, em que havia verdadeiras perolas litterarias, como por exemplo, o delicioso quadro historico da renascença.

Jayme Victor, que pela primeira vez falava em publico, em Lisboa, perturbou-se muito, e d'alí vieram umas hesitações que não deixaram apreciar como merecia o seu bello trabalho litterario.

O discurso foi publicado no dia immediato no *Correio da Manhã*.

Os pianos que figuraram no concerto foram cedidos obsequiosamente pelas casas Camogina e Sissetti e a ornamentação esplendida da scena feita sob a direcção do illustre floricultor o sr. Mello Breyner.

E agora, meus senhores, resta-me falar-lhes do grande successo theatral d'essa semana, a *Mocidade de Figaro*, a opera nova da Trindade. Mas para falar d'isso falta-me apenas uma coisa... ter visto a peça, e portanto fica para a semana esse assumpto.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

HERMENEGILDO CAPELLO

E ROBERTO IVENS (1)

Os dois retratos que illustram hoje a primeira pagina d'este numero do *OCCIDENTE*, reproduzem as physionomias dos dois intercedentes exploradores depois da sua arriscada viagem.

O primeiro conta quarenta e quatro e o segundo trinta e cinco annos, e não obstante os trabalhos que tem passado, os soffrimentos das fadigas, das privações, dos desconfortos, das anxiedades, se lhe não tem esmorecido as suas almas generosas, se lhe não tem quebrado o animo valoroso, se lhe não tem arrefoado os ardores do enthusiasmo pela sciencia, pela patria, pela humanidade, tem-lhe sulcado a fronte com os signaes da velhice precoce, deixando ver, denunciando, a grandeza dos sacrificios feitos para bem servir a sua consciencia no desempenho do dever que tomaram, mostrando de um modo frisante o quanto é doloroso cumprir um tal dever.

Exemplo vivo de abnegação. Apreendi como se é grande sendo-se modesto.

Os que tem ganho honrarias, no remanso da burocracia, entre alcataias e reposteiros, entre as intrigas da politica e as cortezanias; os que merecem essas honrarias a troco do seu ouro ganho entre egoismos interesseiros, curvem-se humilhados ante a grandeza d'estes heros de hoje, que por serem de hoje já não ha honrarias que os distingam entre o malbaratado d'ellas.

SESSÃO SOLEMNE

DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA
NO REAL THEATRO DE S. CARLOS

Foi em a noite de 1 do corrente que a Sociedade de Geographia de Lisboa celebrou a sua sessão solemne, para a conferencia dos exploradores Capello e Ivens, e entrega das medalhas de ouro offerecidas pela mesma sociedade.

O grande recinto do theatro de S. Carlos, convertidas a plateia e caixa em um grande salão, estava litteralmente cheio de espectadores, os camaratos da mesma forma.

Ceren das nove horas achando-se no seu camarote a familia real, foi aberta a sessão pelo sr. ministro da marinha Pinheiro Chagas, em nome de Sua Magestade El-rei D. Luiz, em presença do numeroso auditorio composto de altos funcionarios do estado, corpo diplomatico, camara municipal, representantes do exercito e da marinha, alto clero, incluindo Sua Eminencia o Patriarcha, deputações de diferentes associações, alto magisterio, socios da Sociedade de Geographia e mais convidados, aumentando os attractivos da festa grande numero de senhoras em traje de gala, n'uma grande variedade de *toilettes* elegantes e de gosto.

O discurso com que o illustre ministro da marinha iniciou os trabalhos d'aquella sessão foi calorosamente applaudido, e dispoz agradavelmente o auditorio.

(1) As biographias de Hermenegildo Capello e Roberto Ivens, acham-se publicadas a paginas 42, 43 e 51 do 3.^o volume do *Ocidente*.

Em seguida Capello leu o relatório conciso da viagem e Roberto Ivens falou depois, porém, em relevo algumas das percepções dessa viagem, terminando por fazer entrega da bandeira portuguesa que os tinha acompanhado na travessia, ao sr. Aguiar, presidente da Sociedade de Geographia.

O auditorio applaudiu calorosamente os conferentes, e quando o sr. Aguiar tomou a palavra e fez a apologia do feito que os benemeritos exploradores tinham praticado, agitando por vezes a gloriosa bandeira meio mutilada pelos estragos da viagem, os applausos rompiam entusiasticos e espontaneos d'entre os espectadores, onde não havia uma idea isoladora que interrompesse a corrente electrica que animava todos os espiritos.

Ao discurso do sr. Aguiar seguiu-se a entrega das medalhas aos exploradores, por S. M. El-Rei D. Luiz, na tribuna real.

A cerimoniaahi foi commovente. El-rei entregou as medalhas a Capello e a Ivens abraçando-os e dirigindo-lhes palavras affectuosas em que o monarca revelava a intima satisfação que o dominava.

O auditorio redobrou os seus applausos e não é possível descrever os bravos, as palmas, os vivas que irrompiam de toda a sala.

A corda do patriotismo vibrava no seu mais alto diapason; uma oração collosal encerrava aquella festa, que deixou de si as mais gratas recordações.

Sobre a conferencia dos exploradores e importancia da exploração, em outro lugar do nosso periodico, principia hoje o distincto professor, sr. José Julio Rodrigues uma serie de artigos sob o titulo *O moderno movimento geographico em Portugal*.

O moderno movimento geographico em Portugal

Analysando fria e pausadamente tudo quanto, no nosso paiz, tem succedido desde a criação da sociedade de geographia de Lisboa e da commissão central permanente de geographia até os recentes successos, que promoveram o largo enthusiasmo com que a nação inteira recebeu e está recebendo os nossos dois exploradores Capello e Ivens, se adquirimos a convicção de que Portugal está muito longe de ser um paiz velho e gasto, como a muitos, sem motivo, se affigura, tambem nos convencemos infelizmente de que bem poucas vezes tem, modernamente, comprehendido como devera, e fora para desajar, o papel geographico e colonial, que a politica contemporanea, as necessidades da sua vida intima e a sua propria historia hoje lhe impõem e determinam.

Iludido pelos exageros do seu calido temperamento, marchando quasi sempre sem rumo, não duvidamos affirma-lo, por entre labyrinthos de uma arduosa diplomacia, pouco dada ao sentimentalismo e, por sua natureza, egoista e reservada, prompto em acclamar, menos prompto porem em reflectir, mais patriota do que sensato, mais fogoso do que perseverante, acaba o povo portuguez de nos dar, com a sua apotheca dos benemeritos, tão ampla, tão communicativa, tão desgreçada até, e todavia justificada pela intenção que lhe serviu de base e pelo heroismo que a provocou, largo testemunho de que lhe não faltam ainda as espontaneidades generosas e altivas de um povo, por ellas outr'ora illustre e a cuja historia se pretende, n'uma actualidade de gloriosos commettimentos, associar um futuro que nos redima da obscuridade, em que temos ultimamente vivido.

Não nos iludamos porem. Nem as recepções e discursos, que ultimamente se tem proferido são a synthese do pensamento nacional, por ora demasiado complexo e diluido; nem este pensamento procura exprimir-se por entre os diluvios de rhetoricos, que ha tantos dias vemos cahir frios e seguidos sobre as cabeças d'aquelles notabilissimos viajantes.

Não nos iludamos portanto e, aproveitando o bom fermento dos enthusiasmos populares, saibamos ao menos, os que não temos accesso nos vastos arsenais da eloquencia lusitana, porque o ensino é bom, orientar e esclarecer a opinião flutuante e inconsistente, extrahindo do povo, capaz de tão ardentes enthusiasmos, a persistente e util cooperacao, de que precisamos os altos poderes do estado, para a explanação e desbaste do gravissimo problema da nossa politica africana. N'elle encontro — porque não hei de dizel-o? — tantos e tão arriscados perigos, que quasi estou a persuadir-me de que a questao colonial, tal como a estou lendo no burburinho das praças e das ruas, no ministerio e no parlamento, pode ser, pelos acrescentamentos que tendem a imprimir-lhe os ultimos acontecimentos, a ruina, que não a gloria da

patria, que a si propria se festeja nas expansões innocentes e ruidosas de uma nação, cuja abundancia de affectos nem sempre corresponde á serenidade do conceito, muito mais preciso do que aquelles na apreciação e expediente das coisas publicas e nacionaes.

Sobre o sentimento popular, que é grande, levante-se pois, que é azado o momento, a opinião esclarecida e circumspecta, com que todos havemos de acudir aos desmandos de uma geographia colonial, que temos, nos seus exageros, por imprudente e pouco patriótica. Essa opinião, a opinião de todos os portuguezes silenciosos, mas sensatos, será, de futuro, tambem, a unica realisação, que poderemos oppor ás responsabilidades presentes, tão numerosas como dispensaveis.

Bem longe de nós a idea de minguarmos os heroicos e relevantes serviços de Capello e Ivens, esses modernos apóstolos da nacionalidade portugueza, tão preclaros como modestos. Fomos dos primeiros a acclamal-os, e a muitos lembrará por certo que, n'um banquete, dado ha annos em honra de outro benemerito e não menos arrojado e valeroso compatriota, o sr. Serpa Pinto, saudámos, illuminados por um amplissimo sentimento de justiça, aquelles nomes illustres e gloriosos, que o futuro parecerá haver olvidado nos deslambamentos de uma primeira travessia, ao passo que, entregues ao largo desempenho de uma tarefa, tão útil como patriótica, elles, martyres voluntarios, labutavam entre mil sacrificios e amarguras por honrar em Africa o seu nome e, com elle, o da patria estremejada.

Não queremos porem, o que é mui differente, associar o nosso voto, embora insignificante e humilde, á especie de delirio geographico que nos está avassalando, desatinado e impertinente, arrastando-nos sem consciencia propria para esse paiz de aventuras, em que já descobrimos um Alcazar Kibir, que foi mais tarde o tumulo, embora transitorio da nacionalidade portugueza, e em que poderemos descobrir agora, a par da nossa ruína economica e financeira, o mais frizante documento da nossa incompetencia colonial e o melhor testemunho da nossa falta de siseude administrativa.

Que a geographia jamais nos apague do espirito, porque a maldiriamos então, o quanto caremos de escolas e de ensino, de independencia individual e collectiva — independencia de sentimento e de opinião — de uma imprensa vigorosa e imparcial, de uma absoluta isenção e moralidade entre os diversos poderes do estado e entre estes e a nação, que tudo nos é bem mais preciso do que quaesquer desmedidas expansões colonias, incompativeis com as forças do paiz e com a illustração e patriotismo dos seus capitães e recursos.

Acceptando como portuguez, que nos presamos de ser, para a nação portugueza a nobilissima tarefa de povo colonizador, desajamos no entanto vel-a accentuar a sua cooperacao nas modernas questões geographicas e colonias com o tino e prudencia, que requerem tão momento assumpto e a propria debilidade do nosso paiz.

Fixando direitos e estabelecendo propriedades, onde nos convenha fixar dominios, não nos ceguemos porem com a idea inopportuna de estradas de costa a costa, que possamos, antes de um ou dois seculos, disputar vantagens e primazias ás largas e facies communicacoes maritimas, que hão de, por muito tempo, alimentar e nutrir o commercio de Africa com o velho e novo mundo.

Quanto nos iludem a respeito do tão apregoado continente negro, que raro merece os milhões que a geographia do seculo xix alli tem dispendido e inutilizado e que, por largos seculos, conservará quasi infucendo o sangue generoso dos heróicos viajantes, que o tem estudado e percorrido?

A reacção, que principiou já, hade confirmar um dia o que dizemos.

Em artigos subsequentes estudaremos summariamente, por nos não sentirmos por ora com forças para mais, as phases, consequencias e motivos do alvorço geographico, a que estamos assistindo, mui felizes se poderemos esclarecer os nossos estimaveis leitores em pontos que, por andarem envolvidos em sensíveis obscuridades e equivoocos, podem levar-os a conclusões mui diversas das que procuram sempre os homens imparciais, sem ligações ou affectos, que possamos mollecer-lhes o espirito na severa pesquisa da verdade.

Se desagrada-mos a alguns, consolar-nos-ha a idea de sermos leaes para com todos.

Lisboa, 7 de outubro de 1885.

José Julio Rodrigues.

MANUEL DE JESUS COELHO

Não sabemos, nem curámos de indagar, a filiação do cidadão honestissimo e prestantissimo, ha pouco fallecido, que se chamava Manuel de Jesus Coelho, e que de si deixou honrosos exemplos de dedicação civica, e de abnegação pessoal.

Nascido em Lisboa em 1803, foi lhe o berço embalado ao sopro de uma invasão estrangeira, e os seus primeiros passos na vida incertos e difficéis. Em 1826, contando apenas 18 annos de idade, iniciou Manuel de Jesus Coelho a sua carreira politica, affirmando os sentimentos liberaes, que sempre lhe foram norte, até o fim de uma larga vida, constantemente empregada em fazer o bem, em servir a democracia, a honrar a patria com o seu trabalho.

Em junho do já referido anno de 1826, chegava a Lisboa, vindo do Rio de Janeiro, um brigade de guerra conduzindo a seu bordo o portador da Carta Constitucional, que D. Pedro IV acabava de outorgar aos portuguezes; e que devia marcar uma nova epoca de regeneração social. Era então regente do reino a infanta D. Isabel Maria que, mal aconselhada, procurava occultar ao paiz o acto magnanimo de seu irmão, tornando-se a dar-lhe a luz da liberdade.

Transpirando porém a noticia, alguns patriotas mais insoffridos, combinando-se entre si, proclamaram por conta propria a Carta Constitucional no theatro de S. Carlos, antes como depois fadado a ser o ecco das ruidosas manifestações do sentimento popular. No numero dos que assim se antecipavam á promulgação official do novo codigo de redempção contava-se Manuel de Jesus Coelho, o homem que tanto de futuro havia de palear pela causa da liberdade.

Dois annos depois, em 1828, regressava a Lisboa, vindo de Vienna d'Austria, o infante D. Miguel, negando-se a reconhecer a Carta Constitucional, e inaugurando o governo absoluto que tão rudemente pesou sobre o paiz até 1834.

Ninguém ignora a dureza das provações por que tiveram que passar quantos os que, por qualquer modo, se haviam mostrado favoraveis ás ideas liberaes, tendo uns que expatriar-se, e que homiar-se os outros para escapar ás perseguições e ás devassas de um governo intolerante.

Sem recursos para tomar o primeiro dos dois expedientes, Manuel de Jesus Coelho deixou-se ficar em Lisboa, conspirando sempre contra o governo intruso, até ser finalmente preso, correndo a sua vida eminente perigo, e logrando depois ser solto, superando immensas difficuldades.

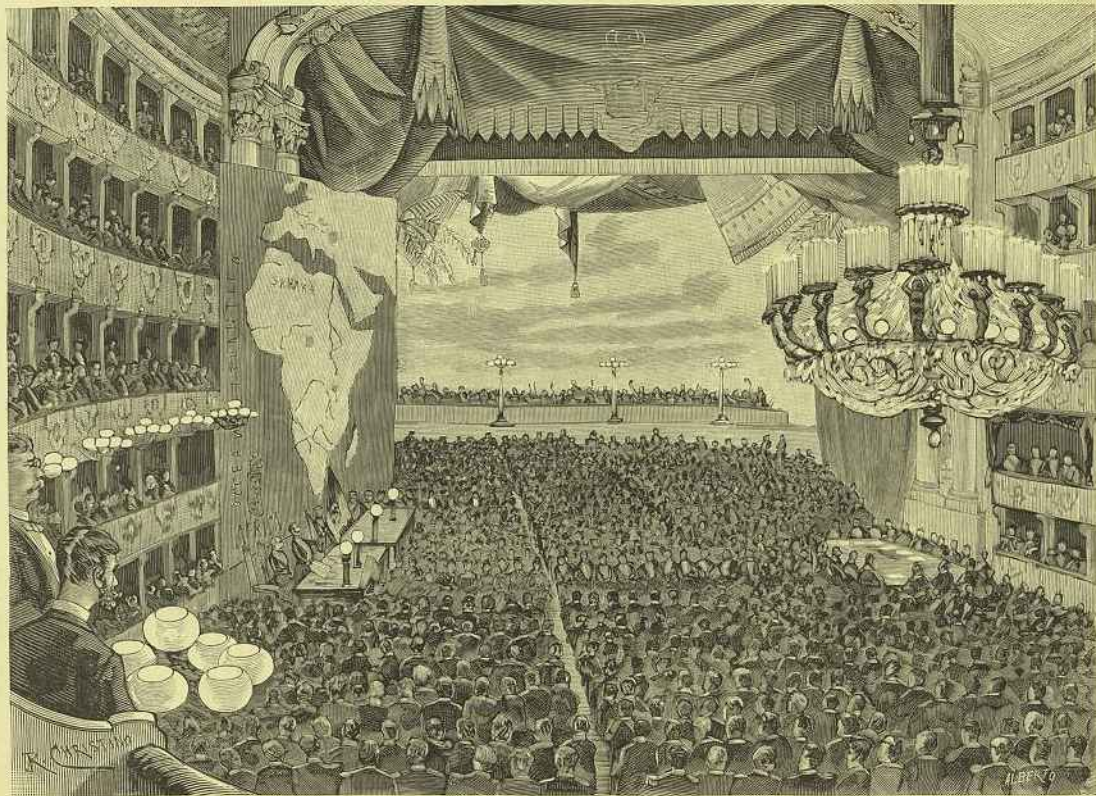
Em 1831, tendo já o imperador desembarcado na ilha Terceira, chegaram a Lisboa, mandados pela regencia, alguns impressos, trazendo noticias que muito deviam alentar o animo abatido dos constitucionaes.

Era urgente reproduzir e divulgar esses importantes documentos. Manuel de Jesus Coelho, então typographo, e já conhecido pelos seus sentimentos liberaes, foi convidado para tão arriscada empresa, que accouso sem condições antepor os interesses do seu partido, a considerações de outra ordem. A typographia por Manuel de Jesus Coelho estabelecida, era na rua do Outeiro, e todos os impressos clandestinos compostos por elle e por seu cunhado Leandro José Rodrigues, para que não fosse quebrado o sigillo de tão nudaçoso commettimento. Apesar de tudo, a typographia por vezes foi assaltada por ordem da intendencia geral de policia, e minuciosamente revista, logrando sempre o seu proprietario illudir nas pesquisas da autoridade, a ponto do juiz do bairro do Rocio chegar a convencer-se serem falsas as denuncias dadas contra Manuel de Jesus Coelho.

Apesar da carencia de provas em que pudesse assentar um processo regular, foi em 1831 preso com alguns seus amigos mais particulares, entre elles o pae do sr. Neves, actual vogal do conselho superior de guerra e marinha, e recolhido ás cadeias do Limoeiro.

Estabelecido em Lisboa o governo constitucional em 1833, sentou Manuel de Jesus Coelho praça no 3.º batallião da guarda nacional, sendo n'esse mesmo anno escolhido por Rodrigo da Fonseca Magalhães, que então era administrador da Imprensa Nacional, para chefe de composição typographica da *Chronica Constitucional*, orgão official do governo d'aquella epoca.

Apesar de dispensado do serviço militar, em virtude da commissão que exercia, Manuel de Jesus Coelho, por occasião do ataque ás linhas de Lisboa pelas forças miguelistas no dia 5 de setembro, foi juntar-se em Campolide aos seus camaradas, que repelliam valentemente as forças do exercito contrario. Concluida a guerra civil em 1834,



SESSÃO SOLEMNE DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, PARA A CONFERENCIA DOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS, NO REAL THEATRO DE S. CARLOS (Desenho do natural por Christian)

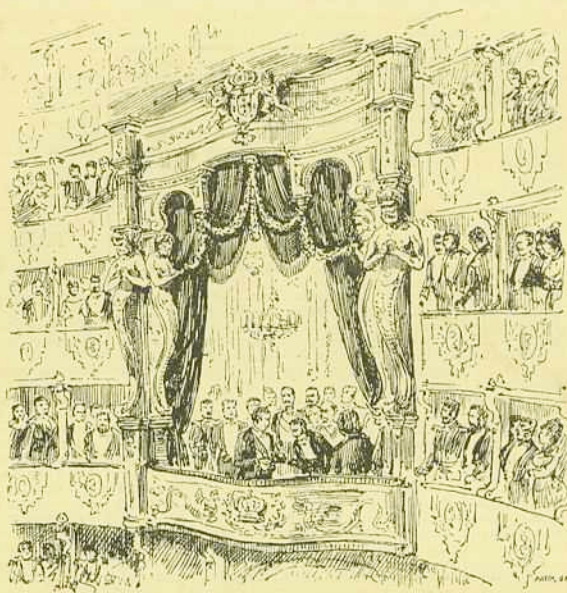
e dissolvidos os batalhões de voluntários, foi escolhido para official do 15.º batalhão da guarda nacional. No mesmo anno fundou o *Nacional*, jornal que teve uma immensa voga e grande popularidade, e foi convidado pelos dois irmãos Passos, Vieira de Castro e Rio Tinto para assumir a sua direcção, que accceitou, conservando-se durante oito annos no posto que só abandonou, para fundar o *Patriota*, folha que teve na politica liberal do paiz a mesma influencia de que dispusera o antigo *Nacional*.

Manuel de Jesus Coelho tomou uma parte activa na revolução de 1836, preparando este movimento, e auxiliando-o com toda a dedicação e enthusiasmo. Não é nosso proposito narrar os acontecimentos que deram em resultado a grande luta travada entre os setembristas e os cartistas, e que só muitos annos depois teve o seu natural desfecho. O receio de que as novas instituições fossem levadas de vencida pelos partidarios da Carta, fez com que se organisasse por aquelle tempo uma associação no Arsenal de Marinha, a que Manuel de Jesus pertenceu. Os *Arsenalistas*, assim denominados pelo local em que a principio se reuniram, foram quasi exclusivamente os mais poder-

rosos auxiliares da politica inaugurada em 1836, e como taes os que mais tarde se tornaram suspeitos á politica reacçãoaria, a que se chamou a restauração da Carta, e que tinha por ministro do reino Costa Cabral, o seu mais activo e audacioso defensor.

De 1842 em diante o *Patriota*, de que Manuel de Jesus era o proprietario, começou a fazer a mais violenta guerra ao governo, sendo o jornal implacavelmente perseguido pelo ministerio publico. As querellas dadas contra o *Patriota*, durante o governo do sr. conde de Thomar, ascenderam a duzentas e tantas, sendo o jornal sempre absolvido, mas ficando o seu proprietario arruinado com as excessivas despesas das fianças, porque cada querella exigia uma fiança especial.

Tendo tido logar a revolução d'Almeida em 1844 contra o governo do sr. conde de Thomar, Manuel de Jesus Coelho foi implicado n'ella, e recolhido novamente á cadeia. A typographia do *Patriota* foi arrestada, o que não impediu que n'ella se continuasse a imprimir proclamações e outros papeis revolucionarios, com grave perigo para a familia do seu proprietario, porque o material de imprensa tinha ficado lacrado e sellado! O proces-



SESSÃO SOLEMNE DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA
PARA A CONFERENCIA DOS EXPLORADORES CAPELLO E IVENS, NO REAL THEATRO DE S. CARLOS.
ENTREGA DAS MEDALHAS AOS EXPLORADORES POR S. M. EL-REI D. LUIZ
(Desenho do natural por J. Christino)



VISTA GERAL DE THOMAR (Segundo photographia de A. S. Magalhães) Vid. artigo "Tres dias em Thomar,"

so instaurado então contra Manuel de Jesus Coelho, não teve funestas consequências. Os tribunais absolveram-n'o, apesar dos esforços em contrario empregados pelo governo, que mirava a vel-o condemnado a degredo. Não obstante a grande vigilância da policia, logrou Manuel de Jesus Coelho fazer sair de sua casa e distribuir pelos conspiradores e populares as armas e munições de que era depositario.

Em abril de 1846, começava em Braga a revolução que desde logo foi denominada da *Maria da Fonte*. Logo que em Lisboa constou o movimento popular, foi outra vez preso Manuel de Jesus Coelho e mettido no segredo, onde o conservaram durante trinta e tres dias, vindo a ser solto no dia 22 de maio do mesmo anno.

A 7 de outubro seguinte houve o movimento militar conhecido pela designação pouco sympathica da *Emboacada*. De novo foi Manuel de Jesus Coelho procurado para ser preso, e a sua typographia ainda outra vez arrestada, mas sem que d'ella deixassem de continuar a sair proclamações incendiarias contra os chefes d'aquelle insperado movimento politico. Tendo-se mais tarde revolucionado a cidade do Porto, Manuel de Jesus Coelho saiu da capital, e foi unir-se ás forças militares do conde das Antas, mandando-o este general apresentar ao conde de Mello, que então commandava a divisão do Alentejo, e que por seu turno o mandou aggregar ao batalhão de Lisboa na qualidade de capitão de uma das suas companhias.

Depois da batalha de Torres Vedras o conde de Mello retirou para Évora, d'onde saiu no dia 23 de fevereiro de 1847, para ir atacar Extremoz, sendo Manuel de Jesus Coelho n'esta occasião elogiado na ordem do dia pela sua bravura e denodado comportamento em frente do inimigo.

Mais tarde, já em Setúbal, veio do Porto uma força commandada pelo marquez de Sá da Bandeira, que fez junção com as forças do conde de Mello, tornando aquelle general o commando em chefe. Pouco depois teve lugar a acção do Alto Viso contra as forças do conde de Vinhas, sendo novamente Manuel de Jesus Coelho elogiado pela

sua bravura, e recommendado á Junta do Porto, que o condecorou com as insignias da nobilissima ordem da Torre e Espada, nomeando-o igualmente commandante do 2.º batalhão de Lisboa.

Em 1848 voltou a ser preso com outros seus correligionarios, instaurando-se-lhes o processo que se chamou das *lydras*. Esteve seis mezes na cadeia, e oito dias no segredo!

E 1851 teve lugar a revolta do Marechal Saldanha, que ficou conhecida pela designação de *Regeneração*. Manuel de Jesus Coelho continuou a fazer opposição ao novo governo, que elle suppoz arredar-se dos principios politicos da escola progressista, a que pertencia.

Em 1858 o partido progressista representado por um grande numero de seus membros, apresentou a candidatura de Manuel de Jesus por um dos círculos de Lisboa, honra que elle modestamente declinou de si.

A imprensa d'aquella epoca refere-se com elogio ao procedimento do candidato, louvando a sua isenção a nobreza do seu caracter.

Na legislatura seguinte foi novamente proposto, e eleito por um dos círculos da capital, tomando assento na camara, e parte em algumas das suas commissões.

Parece que o homem que tão accidentada vida teve, deveria ser alheio aos males estranhos, para só dos seus proprios curar. Não aconteceu assim: Manuel de Jesus Coelho foi homem de uma extrema bondade, de um coração amavel e compassivo.

Comprou-se em fazer o bem pelo bem, sem alarde, em segredo, como que envergando das boas acções que praticava.

Fez parte de um crescido numero de commissões humanitarias e philantropicas, e foi um dos principais fundadores da prestante Associação das Classes Laboriosas, e do Asylo de Santa Catharina, que tão valiosos servicos tem prestado á infancia desvalida. Manuel de Jesus Coelho foi tambem um dos iniciadores do Gremio Popular, benemerita instituição que ainda hoje subsiste, e da patriótica Associação Primeiro de Dezembro.

Socio da Associação Typographica, Manuel de Jesus Coelho foi tambem subscriptor assiduo do Albergue dos Invalidos do Trabalho e da Associação das Creches, sem nunca negar o obulo da caridade aos desvalidos da fortuna.

Além da Torre e Espada, foi condecorado com a medilha da febre amarella, e com uma venera hespanhola pelos servicos prestados aos emigrados d'esta nação. Falleceu com 76 annos de idade, benquisto de todos quantos o conheceram.

L. O. Palmeirim.

TRES DIAS EM THOMAR

(Continuação do numero 244)

II

No fim de tudo essa coisa de a gente se levantar cedo custa muito, mas sabe bem.

Mas esse mesmo saber bem é atravessado pelos espinhos cruéis do remorso.

Só quando nos achamos ás sete horas almoçados e promptos, e vemos destilar por deante de nós as longas horas da manhã, é que comprehendemos o tempo enorme que se perde n'esse delicioso valle de lençoes, dormindo como abbaes enquanto o sol de ha muito ronda a nossa porta com a permanencia de guarda nocturna bem pago.

E depois vem o remorso do tempo perdido, que um remorso versado em arithmetica, que sabe muito bem as suas quatro especies, que multiplica n'um momento as horas perdidas cada dia, pelos annos que temos dormido até ao meio dia n'este valle de lagrimas, e a gente entristece, com esse esse immenso total de horas dormidas, e lá se vae todo o prazer das madrugadas.

E tudo isto pensavamos e sentiamos nós, por ahi acima, dentro da carruagem, enquanto o Poço do Bispo, os Olivares, Sacavem, Povoa e Alverca, passavam por deante de nós a vapor, mas a vapor

quando em mendigo, para ir colher noticias, e voltára com muitas novidades de sensação.

A primeira é que, um frade mendicante fóra o que dea denuncia dos ciganos e do local em que se reuniam.

Logo não havia razão de accusar o companheiro. A segundo era que por accuso se havia encontrado o rasto de um criminoso, de ha muito perseguido pela justiça, e que pelas declarações dos presos se viera a saber que fazia vida com os ciganos, no mesmo civil em que elles se occultavam.

Esta segunda noticia acabava por justificar-o plenamente.

Nenhum d'elles deixou de o lastimar.

Um pensamento unanime tiveram então.

Vingar no frade delator o infortunio dos seus pobres companheiros.

Nessa mesma tarde uns recoveiros que o Trovão protegia na estrada cantaram-lhe o que andava na bocca de toda a gente, ao que elles roteram todos, jurando pela pelle ao frade.

Olhe, voltaram os recoveiros. Esta manhã, acollá em baixo, no pé d'aquellas oliveiras, estiveram elles juntos, o capellão do general e o frade, e lá se foram para a cidade, ambos.

Não era preciso mais.

Aquelles quatro homens, por igual resolutos, consultaram-se n'um olhar que trazia o mesmo pensamento.

Vamos á cidade!

Era um grande arrojado!

Poucas horas depois achavam-se nas proximidades da casa do governador das armas da provincia.

Assim como o Frade tomára por disfarce um habito de clérigo pobre, elles adoptaram os andrjos e aleijões do mendigo.

A pobre e a frade não ha porta que se feche. Elles fiaram-se n'isto.

Foram pedir agasalho no caseiro da quinta do proprio governador, e dispuham-se a passarem essa noite ali mesmo na arrubana do gado, ou no palheiro.

Depois lançariam fogo á casa e achariam occasião de ajustar contas com o amigo do capellão, se elle não tivesse a fortuna de lhes escapar.

Mas o caso é que a esse tempo já elle se lhes tinha escapado e tiveram por isso de adiar o projecto.

Havia ido receber o preço da sua delação, e tinha saído pouco depois, levando consigo a tentadora quantia cuja cifra era o preço da cabeça d'elles todos.

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuação do n.º 244)

X

Uma coincidência providencial

A situação não era agradável e precisava tirar d'ella todo o partido que as circumstancias permitiam.

— Com que então, amigos, lhes disse jovialmente o Frade, vocês queriam roubar-me?...

E ri-se á força, sabe o diabo com que vontade. O Mata-Judeus avançou para elle de uma maneira ameaçadora e disse:

— Pois eras tu, diabo?!

Os demais que lhe conheciam os ferinos instinctos, afastaram-n'o prudentemente.

— Que tu vendesses os das pelles, que te queria tirar a mulher, entendias-se, mas que vendesses tambem os amigos, aquelles que muitas vezes te guardaram as costas?...

O Frade acudiu logo:

— O Mata-Judeus, que está para ahi a dizer, velho lobo da serra? Por esse raciocinar chega-se á conclusão de que me vendi tambem a mim mesmo. Acaso ignorar que de todos os caçadores de carne humana sou eu o mais odiado n'este momento e o mais perseguido?!

Este argumento pareceu de peso para o Mata-Judeus.

Encolheu os hombros e resmoneou entre dentes:

— Lá com a tua labia não quero teimas, mas a respeito do dinheiro que te deram em casa do governador é que não illas...

— Está aqui e pertence-nos, visto que nos encontramos e que voltamos á vida antiga, acudiu o Frade immediatamente, um tanto intrigado, porque nem contava com aquelle encontro, nem podia suppor que os seus quatro companheiros estivessem tanto ao facto dos seus negocios.

Dizendo isto mostrou-lhes no cinto que trazia consigo uma grande porção de ouro e prata, capaz de satisfazer completamente a cubia d'aquelles miseraveis.

E cada um d'elles interrogava-se ambiciosamente, inquieto, por saber quanto lhe caberia na divisão.

Entretanto o Frade procurava os seus alforjes.

— Que diabo, vocês espantaram-me o animal em que eu vinha e fizeram-me dar um trambolhão de que levo recordações por alguns dias.

Nisto encontrou o bordão e o chapéo e proseguiu na sua faina em busca dos alforjes.

O Trovão respondeu-lhe:

— Pois foi a tua redempção essa queda.

— Foi, foi...

— Decerto, porque a estas horas serias um homem morto.

E dizendo isto apontava para um vulto estendido nos seus pés.

— Olha a sorte que te esperava?

Curvou-se então e viu que estava alli um homem morto. Tinha um longo ferimento no peito e trazia tambem como elle um alforje e habito da mesma ordem.

Singular acaso.

— Foi o Mata-Judeus, continuou o outro, explicando a situação. Atirou sobre elle cuidando que era quem nós esperavamos, porque sem te conhecer seguimos-te ha dois dias percebendo?...

Não temos a tua finura, mas enfim nós nos deixamos morrer á fome... A gente fez pela vida. A nossa é esta.

Já não quiz arredar-se d'alli sem saber tudo.

Que demonio! Teve n'este momento uma idéa que o alegrou, que o fez sorrir.

— Conta-me como isso foi, sem omitir uma só palavra, exclamou elle.

Formaram um pequeno circulo aquelles cinco homens e o Trovão tomou a palavra.

O Frade era o chefe natural do pequeno grupo que elles formavam na gruta e se mostrava adverso ao predomínio do homem do fato de pelles.

Como os tivessem abandonado n'uma situação grave, mas prevendo o perigo que todos corriam, trataram tambem de fugir.

Logo na manhã seguinte estavam elles na Torre, uma pequena povoação nas abas da montanha que herdava a planície, quando souberam da sorte dos que haviam ficado na gruta. Mais tarde, ao passarem no caso do Bravo, toda a gente falava de Ondina, da sua loucura, do estado em que a haviam deixado.

Deram-se os parabéns á sua fortuna.

Mas revoltaram-se contra o Frade.

Era fóra de duvida que o patife tivera a intenção damna de lhes armar a elles todos um laço infame.

Mas factos posteriores vieram depór em seu abono. Não era tão feio o homem como o pintavam. Elle afinal se não tinha caído na mesma ratoeira que armára aos demais não estava muito longe d'ella.

Era talvez uma questão de tempo.

Um dos quatro companheiros, havia-se disfar-

grave, serio, compassado, vapor português que não está para se cançar, e enquanto o preconizado ar puro da madrugada entrava às lufadas pelo vagão dentro, já muito avariado pelo calor do sol que torrava lá fora...

Depois de nos termos entregado ao pungir do remorso coisa de hora e meia, o tempo suficiente que a toda o arrependimento se deve um criminoso bem educado, entregamos-nos a outra coisa mais pungitiva ainda — a massada d'uma viagem de dia em comboios ordinários.

Estes ordinários podem applicar-se aqui em todas as suas variadas acepções, menos aquella que se refere ao rapé, porque a pessoa que escreve estas linhas nunca cheiou.

Todas aquellas carruagens engatadas umas ás outras a andarem n'uma velocidade muito vagarosa, parando demoradamente em todas as estações onde o *viator* sedento raras vezes encontra, mesmo a peso de cobre, um pobre copinho d'água morna, solobra, toda cheia de lixo phantástico e Victoria nós tinhamos mandado prevenir o Prista, o dono do melhor hotel de Thomar, para que enviasse á estação umas carruagens.

Essas carruagens são boas, commodas, tem bom gado e fazem excellentes serviço.

A estrada da estação de Payalvo á de Thomar é uma bella estrada real, cheia de excellentes pontos de vista, mas parece que não tem fim.

É comprida como o demonio, o caminho da estação á cidade, e ao cabo de boa meia hora de andar a bom andar, chegámos á cidade.

Uma longa avenida, toda com boas cussas d'um lado e d'outro, orlada de arvôres e ao fim d'ella encontra-se pela primeira vez o celebre Nabão.

Volta-se, a rua da Corredoura a principal rua da cidade fica á nossa esquerda e em frente o Nabão segue por alli acima muito tranquillo, por entre as suas poeticas margens, offerecendo logo o primeiro panorama pittoresco ao *touriste* que chega a Thomar.

Esse panorama que representa a gravura do numero anterior do OCCIDENTE.

A que damos hoje é a parte principal da vista

Informaram-se do caminho que elle seguia, e, montando a cavallo, foram-lhe no encalço.

Não descansaram em todo o dia, mas o frade havia desaparecido como se o chão se houvesse aberto com elle.

Ao cair da tarde internaram-se no pinhal, dispostos a passar em lá a noite.

Amarraram o gado aos sobroeiros gigantes, na parte mais sombria e apropriada á intenção em que estavam.

Nisto o *Mata-Judeus* enxergou ao longe um vulto e fez signal aos demais.

Poderam-se todos alertar.

Momentos depois um d'elles gritou:

— É o frade, o rapaz.

Uma alegria selvagem se communicou por igual entre elles.

A proporção que se aproximava, mais se iam confirmando que era o mesmo que elles procuravam.

O *Trovão* tinha disposto tudo para o assalto. Estava cada qual no seu posto, prompto á primeira voz.

Deviam cair sobre elle e obrigal-o a declarar como soubera do esconderio dos caçadores da Gruta.

Essa confissão não podia deixar de lhes interessar sobremaneira, dando-lhes a explicação dos acontecimentos que acabavam de surpreendel-os.

Mas o *Mata-Judeus* não podia conter-se.

Lá para elle, ladrão e assassino eram synonymos, significavam uma e a mesma coisa.

Mal viu o frade ao alcance do seu trabuco fez fogo sobre o misero e estendeu-o a poucos passos no meio do pinhal.

O *Trovão* insurgiu-se indignado contra elle. Não havia, porém, tempo a perder.

Correram ao sitio em que o frade caíra. Podia não ser mortal a ferida e haver ainda tempo de lhe arrancar a confissão desejada.

Tudo foram esforços inuteis, diligencias frustradas.

O ferimento havia sido mortal, e a morte havia sido instantanea!

A diabolica pericia do *Mata-Judeus*, manifestara-se, mau grado d'elles, ainda mais uma vez.

Passaram em seguida a revistar-lhe os alforques, caindo todos quatro ao mesmo tempo sobre aquelle cadaver, como abutres atraíhidos pelo cheiro de carne morta.

Mas d'esta vez sufferam o maior dos desenganos. Por mais que vasculhassem o frade, nem que o voltassem da cabeça para os pés, deixava a mais miseravel das modas de cobre!

Ahi sim, a demora foi grande; infelizmente, porque já não tinhamos vontade de comer e só o que tinhamos era vontade de chegar a Thomar.

Finalmente, como tudo passa n'este mundo, passaram-se os vinte minutos d'espera do Entonamento e d'alli a coisa d'um quarto d'hora chegavamos á antiga estação de Payalvo, agora tão abreviada por Thomar que até lhe tirou o seu velho nome, e apressavamos-nos a correr.

A estação é pobre e modestissima.

A porta, — do outro lado — estacionavam tres *char-à-bancs* medonhos, crémos que ainda da epocha dos templários, e onde uns conductores mal vestidos accommodavam os passageiros com o mesmo carinho com que em Nantes se accommodam sardinhas em latas. Com menos ainda, porque os fabricantes das conservas fazem certo capricho em que as suas sardinhas fiquem bem acuriciadinas e os homens do *char-à-bancs* importavam-se pouco com isso.

Gracias a Deus, e a um burbeio da travessa da Victoria nós tinhamos mandado prevenir o Prista, o dono do melhor hotel de Thomar, para que enviasse á estação umas carruagens.

Essas carruagens são boas, commodas, tem bom gado e fazem excellentes serviço.

A estrada da estação de Payalvo á de Thomar é uma bella estrada real, cheia de excellentes pontos de vista, mas parece que não tem fim.

É comprida como o demonio, o caminho da estação á cidade, e ao cabo de boa meia hora de andar a bom andar, chegámos á cidade.

Uma longa avenida, toda com boas cussas d'um lado e d'outro, orlada de arvôres e ao fim d'ella encontra-se pela primeira vez o celebre Nabão.

Volta-se, a rua da Corredoura a principal rua da cidade fica á nossa esquerda e em frente o Nabão segue por alli acima muito tranquillo, por entre as suas poeticas margens, offerecendo logo o primeiro panorama pittoresco ao *touriste* que chega a Thomar.

Esse panorama que representa a gravura do numero anterior do OCCIDENTE.

A que damos hoje é a parte principal da vista

Trazia outrosim livrinhos, orações, contas e reliquias, mas tudo isso, que para elle valia muito, com que regular a fragil carne em louvor da santa religião, nas mãos d'aquelles quatro salteadores de estrada não valia nada.

Já se viu maior logro?!

Então começaram todos a revoltar-se contra o *Mata-Judeus*.

Ouviu-se porém do outro lado da serra, o relinchar longinquo de animal que vinha em jornada.

Atenção, diabos, atenção, bradou o *Trovão*, impondo toda a sua autoridade, como se faz nos grandes momentos solenese.

Que estás tu para ahí a dizer?! risonheou um d'elles, de uma maneira insubordinada e cheia de altivez.

— Ehi! com trescentos milhões de raio, deixem ao menos falar a gente! protestou um outro. Nós não somos homens que arrisquemos a vida como cordeiros!

O *Trovão* havia-se lançado por terra, e, estendendo o pescoço, collára o ouvido no solo humedecido pelo orvalho da noite, que desdobrava sobre as montanhas, n'uma extensão infinita, o seu negro manto recamado de pesadissimas sombras vaporosas.

— Calen-se para ahí.

E praguejando, dizia com os murros cerrados: — São como as mulheres, só prestam para falar.

Nisto ergueu-se de subito e voltando-se para elles, que se lhe haviam acercado, como presentindo novidade de interesse, disse-lhes:

— Vem ahí gente, silencio!

Aquelles quatro homens, animados da mesma idea, immueceram a um tempo, ficando n'uma attitudem de prevenção, immoveis, de olhar firme, cheio de grande vivacidade e ouvido á escuta, de uma maneira precrutadora, cheia de confiança e firmeza.

Momentos depois confirmaram todos em grande alegria:

— Vem gente, vem gente!

Estavam n'uma anxiedade que não se descreve, — Agora vê lá o que fazes, prevenção o *Trovão*, dirigindo-se ao *Mata-Judeus*.

— Não tem duvida.

— Passa-se uma corda de pinheiro a pinheiro. O escuro da noite favorece-nos. Quem quer que é ha de ir esbarrar de encontro a ella, e muito bom cavalleiro será se conseguir aguentar-se no balanco.

Ou lembrou que se pozesse o corpo do frade a meio do atalho, e, accites estes alvitres, cada um foi pôr-se no seu posto.

panoramica da cidade, tirada do alto do castello de Christo.

Lá chegaremos devagar, como os caminhos de ferro nos levaram a Thomar.

Os maus exemplos, seguem-se.

(Continúa)

Gervasio Lobato.

Quinto centenario da batalha de Aljubarrota

UMA PAGINA DA HISTORIA DE PORTUGAL

(Continuado do n.º 231)

A vanguarda castelhana, desdobrada n'uma extensa linha e reforçada pelos peões e besteiros, avançava ameaçando englobar nos seus immensos braços a estreita linha portugueza. Mas avançava sem muita ordem e um pouco tumultuosa. Reparando que o exercito portuguez combatia a pé, o que não esperavam, foram, muitos em marcha, de ceapando os cotos das lanças para as fazerem mais curtas e mais facilmente manejaes. Esta operação, a falta de commando, os obstaculos de terreno que existiam incontestavelmente maiores ou menores, foram pouco a pouco diminuindo a frente. Os flancos dobravam á rectaguarda, e a linha prolongando-se até ao corpo de reserva formou com ella uma profunda columna. Perdiam assim a esperança d'envolver completamente o exercito portuguez, mas em compensação tinham a certeza de o romper com o embate formidable d'essa immensa ariste humana, formado por vinte e tantos mil homens, entre cavalleiros e peões, que vieram bater com impeto irresistivel na estreita linha formada pelos seiscentos lanças de Nuno Alvares desarmadas de reforço. O choque foi terrivel. Os Portuguezes de Nuno Alvares combatiam como leões, a flor da nobreza castelhana e portugueza com o rei de Castella bandeada pelejava bravamente. Resoavam d'um lado os gritos *S. Jorge e Portugal*, *Castella e Santhiago* do outro. Os

Não esperaram muito; o cavalleiro aproximou-se do laço que lhe haviam armado e tudo succedeu como se calculara.

O que elles, porém, não tinham supposto, nem esperavam, era que esse cavalleiro fosse o verdadeiro frade cuja passagem aguardavam com tanto interesse e, mais ainda, que esse frade fosse exactamente o seu astucioso companheiro.

Esta surpresa produziu nos tres sclerados um assombro verdadeiramente respeitoso.

Só no *Mata-Judeus* despertou pensamentos de rancor e de vingança.

A sua primeira idea, pôde dizer-se que a unica idea que não lhe falhava nunca, foi a de o matar.

A redempção do frade foi aquella espontaneidade generosa com que logo franqueou a todos a sua bolsa, cujo recheio precioso apagou na sua alma todos os passados resentimentos.

Foi o que lhe valeu.

O *Frade*, logo que terminou a narrativa do *Trovão*, fez relatório das suas aventuras, desde que saíra da caverna até áquelle momento.

Quando concluiu tinha-os completamente fanatisado a todos.

Depois, como para fechar com verdadeira chave de ouro o seu discurso, convidou-os a acceterem a sua parte na divisão que lhes trazia, dispensando o que lhe pertencesse, com uma condição que logo declarou e a ninguém prejudicava.

Essa condição consistia apenas em lhe ser entregue o espólio do frade, que por sua felicidade o havia precedido, tomando a receita que lhe estava reservada.

Não houve a menor objecção.

O espólio consistia n'uma pequena carteira de apontamentos sem valor e nas reliquias e bentiños que constituíam os artigos do seu commercio piedoso.

— Para que presta isso? perguntaram alguns d'elles, vendo o interesse com que o *Frade* examinava cada um d'esses objectos.

O *Trovão* ainda lhe observou:

— Vê lá o que fazes, homem! Elle encolheu os hombros e disse:

— Respondam-me vocês por este cadaver, que por mim respondo eu.

Na verdade aquella coincidência dos dois frades era para elle, nas circumstancias em que se encontrava, uma excellente carta perdida do baralho, que a providencia lhe trazia ás mãos.

Leite Bastos

Castelhanos combatiam com uma fúria cega, mas accumulavam imprudências sobre imprudências. Pensando que as lanças, mesmo encurtadas, de pouco lhes serviam, lançaram-nas fora e deitaram mão às achas d'armas e aos estoches. Assim ficou diante das alas um monte de lanças partidas, que, impedindo o terreno, tornou mais difícil a manobra d'esse formidável exercito. Mas, por mais imprudências que se fizessem, um corpo de vinte e tantos mil homens formados em columna com trezentos homens de frente rompeu forçosamente uma hoste de seiscentos homens, formados simplesmente em duas fileiras. Foi o que succedeu: depois d'um renhido combate, os Castelhanos irromperam dilacerando a linha inimiga, n'uma torrente irresistível. Sem trepidarem, as duas alas portuguesas convergiram sobre o centro. Não era necessária a celebre certeza de tiro dos arceiros ingleses para empregar bem os virotes n'aquella massa confusa. A ala dos namorados precipitava-se com um entusiasmo que tocava as raias da loucura, e abrindo uma larga brecha na columna castelhana, lá ficava quasi toda soverbida n'essas ondas tumultuosas d'um verdadeiro mar de soldados. A batalha parecia perdida para os portuguezes, quando á voz do seu brioso monarcha, a rectaguarda, a flôr do exercito, as setecentas lanças da reserva cahiram como um furacão sobre o inimigo. O rei fazia prodígios de valor, que Froissart refere (1). Cada um dos seus homens combatia como desesperado, o condestavel trazia de novo á carga a sua hoste rota, a ala dos namorados, mutilada mas briosa sempre, voltava a derramar as ultimas gotas do seu generoso sangue; os arceiros ingleses, imperturbaveis e fleugmaticos, não perdiam virote, e o seu tiro rapido e certo crivava d'uma nuvem de setas a columna inimiga. Esta, depois da primeira victoria, hesitava e recuava. A sua immensa extensão, que dera impeto e vigor ao ataque, paralisava agora para a defeza a rectaguarda toda, que ficava a grande distancia do ponto em que se travava a peleja, e em que o pequeno exercito portuguez concentrava os seus esforços.

E o que faziam entretanto os sete mil homens das duas alas, e os dois mil ginetes de cavallaria ligeira? As alas, sem receberem ordens, impedidas pelos obstaculos do terreno, pelos montes de lanças partidas que obstruíam o solo, ficavam n'uma inacção absoluta. Quasi nem tinham chefes. Muitos dos fidalgos que as dirigiam tinham-se ido lançar isoladamente onde a peleja estava mais accessa. Os ginetes obstinavam-se em atacar as bagagens, e eram repellidos pelos bérteiros, que as defendiam sem arredarem pé. Não tinha aquella massa de tropas uma direcção, um commando que utilisasse a sua bravura e o seu numero.

(Continúa)

c4.

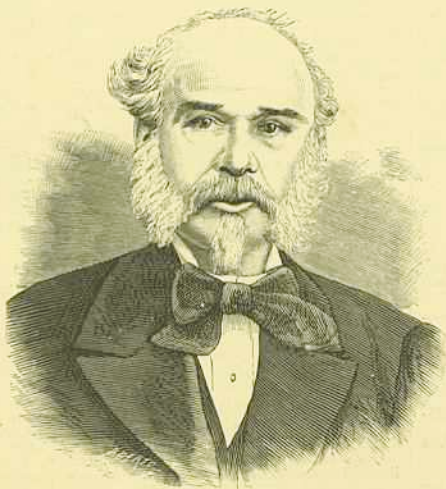
RESENHA NOTICIOSA

TELEGRAPHO SUBMARINO PARA A AFRICA. Partiu de Inglaterra para Cabo Verde e Guiné o vapor *Silverton*, da companhia India Rubber, de Londres, levando cerca de 1:400 milhas maritimas de cabo telegraphico submarino destinado a estabelecer a rede telegraphica entre aquellas colonias portuguezas e as colonias francezas do Senegal como a Europa. Em breve tempo poderá funcionar esta rede telegraphica, que porá em communicação a Africa com a Europa. Acompanha o *Silverton* o vapor *Buccaner*, que de Bolama irá a S. Thomé e Príncipe e costa da nossa provincia de Angola, fazer os estudos para a collocação das segundas e terceiras secções da rede telegraphica submarina das colonias portuguezas na Africa Occidental.

CAROLINA NILSON. A celebre cantora d'este nome, uma das mais notaveis d'este seculo, saiu da sua patria (Suecia) aos doze ou quatorze annos

para cultivar a voz extraordinaria de que a natureza a dotara. De triumpho em triumpho ha cerca de trinta annos percorre os diversos theatros do mundo, sem jámais ter voltado á sua terra natal. Rica e coberta de gloria deliberou-se enfim, e ha pouco tempo, a regressar ao seu paiz, e ir tornar a ver os sitios da sua infancia. Soffrera de certo innumeras decepções e angustias, tal como succede aquelles que durante muitos annos deixam de ir a uma localidade, se a recepção triumphal que por toda a parte a tem acolhido lhe desse lugar para analysar meadamente uma a uma as suas recordações da infancia. Não ha conquistador, imperador, rei nem soberano algum que seja ou tenha sido festejado como esta filha d'aquelle sympathico povo. Não foram os convites, as incitações superiores que moveram os espiritos nacionaes, fô a nação toda desde o mais alto, até o mais infimo, que, como que abalada por um choque electrico, apenas constou a sua chegada correu toda

rões de modo que muitas mulheres foram abafadas, outras espalmadas contra a cortina do ches e outra gente precipitada na agua. Aos gritos da multidão acudiram as autoridades, que puderam recolher as victimas que o sr. Cadler, proprietario do *Grande Hotel*, recolheu em sua casa, fazendo-as tratar cuidadosamente por medicos chamados por telefonio. A policia tambem recolheu os mortos e feridos, e não bastando para isso a estacão, serviram-se de uma egreja proxima. Contavam-se desoitto mortos e mais de setenta feridos, dos quaes nove tiveram que ser recolhidos urgentemente nos hospitais, e o resto levados a suas casas para tratamento. Imagine-se a consternação da cidade e o desespero de Carolina Nilson, que logo resolveu dar um concerto na terça feira immediata para soccorrer da victimas e suas familias. No dia seguinte estavam os bilhetes todos tomados. Finalmente o rei e a familia real deram um banquete de gala em honra da sua celebre compatriota, entregando-lhe por essa occasião as insignias da ordem da *Cruz da Noruega*.



MANUEL DE JESUS CORLHO — FALLECIDO EM 25 DE SETEMBRO DE 1885
(Segundo uma photographia de Gomes)

a saudal-a, e nas estações, nos hoteis, nas praças, nas ruas em multidões compactas de milhares de pessoas se apinhavam para ver e saudar o *rouxinol* da Suecia. E em toda a parte a espirituosa cantora agradecia as saudações do seu bom povo, entoando-lhe algumas arias ou canções populares com a sua maviosissima voz, o que lhe valia applausos phreneticos. Todas as classes da sociedade foram representadas na sua recepção, e as festas tem-se contado pelos dias, e todas as povoações quizeram ver e saudar a grande cantora. Mas como diz Béranger

De tout l'aurier un poison est l'essence

assim, depois de um passeio triumphal todos esses risos e regosijos foram envenenados por uma grande desgraça. Para os tres concertos que ella promettera, os lugares eram logo tomados, embora houvessem triplicado o preço d'elles; e todos os dias immensa multidão de povo vinha adormecer-se na praça, em frente do hotel, rogando-lhe cantasse. Apesar de fatigada accedeu na primeira noite; o delirio popular foi immenso, e ella prometteu satisfazer a esses desejos na terceira noite. Desde muito cedo o povo em numero superior a vinte e cinco mil pessoas occupára a praça. As dez horas appareceu Nilson á varanda, salves e hurrahs a acolheram; cantou, e os applausos phreneticos não conheceram limites, quando a cantora terminou entoando duas canções populares com a sua voz maravilhosa. Aclamada a efervescencia popular, agradeceu e rogou ao povo se retrasse. Assim se fez, mas em vez de sairem pelas diversas ruas, todos se dirigiram para a mesma saida, e alguns homens alcoolizados entraram aos empur-

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

TRATADO DAS ALFANEGAS EM PORTUGAL... por Francisco de Lencastre. Publicou-se o 2.º fasciculo da 1.ª parte. Neste continua-se a materia antecedente, concluindo-se o importante documento que no primeiro se começou a reproduzir, publicam-se e analysam-se outros de não menor importancia e curiosidade.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por Eduardo Freire de Oliveira. Sahu a folha 4, do segundo volume, continua-se no texto a materia anterior, publicando-se pela maior parte na integra, varias cartas de Filipe I, conclue-se em nota o importante e curioso regimento de 12 de setembro de 1418 sobre as correções que os corregedores deviam fazer, e ainda se dão tambem em notas outros documentos e noticias de muita importancia e curiosidade.

ALMANACH ILLUSTRADO, LITTERARIO E CHABRISTICO, para 1886, por J. D. Rodão Tavares, Estremoz. E o segundo anno de publicação d'este almanach, que, a par de uma grande variedade de artigos litterarios e de charadas, é illustrado com alguns retratos de poetas portuguezes. A boa accettazione que teve no primeiro anno, é de esperar que se repita no segundo, animando o seu auctor a proseguir na publicação.

O CADASTRO DA POLICIA, por E. Vidal Valenno e J. Roca y Roca, tradução de Cunha e Sá, Empreza Horas Romanticas, editora, Lisboa. Terceiro volume d'este romance, que é distribuido em fasciculos semanais.

AFRICA OCCIDENTAL, album photographico e descriptivo, por J. A. da Cunha Moraes, etc. David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo n.º 6. Já aqui nos referimos a esta publicação com o louvor que merece tudo quanto seja tornar conhecido o paiz africano, que tanto está despertando as atenções por toda a parte.

A IMPRENSA, revista scientifica, litteraria e artistica, director litterario Affonso Vargas. N.º 1, com diferentes artigos sobre typographia, incluindo uma biographia de Guttenberg, com uma gravura representando uma estatua do biographado.

O INDUSTRIAL PORTUGUEZ, revista mensal illustrada para Portugal e Brazil, proprietarios e directores Carlos A. dos Santos Affonso e Augusto C. C. Moraes. Porto. N.º 10, de 1.º de corrente. Este periodico continua na sua louvavel tarefa de instrucção industrial, merecendo ser lido com attenção pelas classes industriaes, que com elle muito tem a aproveitar.

O ELEGANTE, jornal de modas para homens, etc. David Corazzi, editor, Lisboa. N.º 28 d'este periodico, muito util aos alfaiates e costureiras em especial. Publica figurinos e moldes com as respectivas explicações.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typ. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.

(1) «O rei fez prodígios de valor, e derribou tres ou quatro dos principaes adversarios, de forma que todos o temerari.» Froissart, liv. III, cap. 21, na *Colleção das chronicas francezas*, por A. Buchon, t. 13, pag. 419.